

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CHARLUSA CAMARGO MONTEZANO

LIÉVIN: O ROMANCE TRANSFIGURA A VIDA

**BAGÉ
2021**

CHARLUSA CAMARGO MONTEZANO

LIÉVIN: O ROMANCE TRANSFIGURA A VIDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

**BAGÉ
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M781 Montezano, Charlusa Camargo

Liévin: o romance transfigura a vida. / Charlusa Camargo Montezano.
37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa,
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA,
2021.

"Orientação: Lúcia Maria Britto Corrêa".

1. Personagem de Ficção. 2. Anna Kariênina. 3. Romance. 4. Verossimilhança. I.
Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

CHARLUSA CAMARGO MONTEZANO

LIÉVIN: O ROMANCE TRANSFIGURA A VIDA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

Orientadora

(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

(UNIPAMPA)

Prof. Mestre João Pedro Rodrigues Santos

(FURG)



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2021, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/05/2021, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **João Pedro Rodrigues Santos, Usuário Externo**, em 17/05/2021, às 21:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0527234** e o código CRC **A2CB4F13**.

Referência: Processo nº 23100.008167/2021-29 SEI nº 0527234

Dedico este trabalho ao meu amor pela
Literatura e à importância das palavras.

AGRADECIMENTO

A Deus pela oportunidade da existência e pela saúde.

Ao meu filho pela paciência, compreensão e amizade, com os cafezinhos e lanches para amenizar a jornada, pela sua existência e pela oportunidade de me tornar uma pessoa melhor, para que possa ser para ele, um exemplo de amor aos estudos.

Ao meus pais pela paciência e compreensão da ausência devido à jornada de trabalho, acrescida da faculdade.

Ao meu querido Luís Henrique De Oliveira, pelo seu exemplo e dedicação ao estudo, pelo seu apoio e incentivo aos meus estudos; à minha querida enteada Manuela Gonçalves De Oliveira, pela alegria, pela criatividade, pelo privilégio da sua convivência e à minha sogra Eunice Oliveira, pelo seu carinho e torcida à realização da conclusão da minha graduação.

À minha orientadora, professora Lúcia Maria Britto Corrêa, pela ajuda, pela compreensão e pelo exemplo de amor à Literatura e de quem ouvi a frase que jamais esquecerei: “a vida já é tão difícil, para quê complicar mais, se podemos ajudar, não é mesmo?!”

A todos os professores que fizeram parte de minha trajetória no curso de graduação, especialmente às professoras da área da Literatura, Miriam Kelm e Zíla Letícia Rêgo, pelos exemplos de dedicação e amor à literatura e por despertarem o gosto pela área de pesquisa e extensão.

Aos meus colegas e especialmente a Maria Eduarda Macedo, o João Pedro Sgarbi Rocha, o Guilherme Paro, por terem me ensinado o significado real da palavra amizade, pela compreensão e pelos sorrisos. Agradeço novamente a Deus, pela oportunidade de retomar os estudos, na UNIPAMPA, depois de tantos anos e poder concretizar o sonho da graduação em Letras Português e respectivas literaturas há muito almejado, ao lado de pessoas admiráveis como essas.

“É impossível viver sem saber o que sou e
para que estou aqui.”

Liev Tolstói

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da personagem Liévin na obra *Anna Kariênina* do autor russo Liev Tolstói. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Para substanciar a pesquisa e entender a relevância, a verossimilhança da personagem, utilizou-se os estudos sobre a personagem de ficção apresentados por Candido (1964), Forster (2005) e outros. Para contextualizar a vida do autor e a personagem Liévin no romance *Anna Kariênina* (1877), buscou-se os dados sobre a vida de Tolstói, na biografia escrita por Bartlett (2013) bem como se analisou e foram feitas as relações da vida do autor com o próprio texto literário. E ainda, para ampliar o entendimento da pesquisa foi estudado Candido (1980) que relaciona texto e contexto.

Palavras-Chave: Personagem de Ficção; Romance; *Anna Kariênina*, Verossimilhança.

ABSTRACT

This work aims to analyze the importance of the character Liévin in the novel *Anna Kariênina* by the Russian author Liev Tolstoy. The methodology used was bibliographic research. To substantiate the research and understand the relevance of the character and of likelihood, we used the studies on the fictional character presented by Candido (1964), Forster (2005) and others. To contextualize the life of the author and the character Liévin in the novel *Anna Kariênina* (1877), we sought data on the life of Tolstoy, in the biography written by Bartlett (2013) as well as the relations with the novel itself in the work. In addition, to broaden the understanding of the research was studied Candido (1980) that relates text and context.

Keywords: Fictional Character; Novel; *Anna Kariênina*; Likelihood.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO 1. O AUTOR, A OBRA E OS FATOS HISTÓRICOS EM DIÁLOGO	
2.1 Liev Tolstói: aristocrata e educador.....	13
2.2. Não se pode ser bom pela metade.....	15
2.3. Morte e Legado.....	16
2.4. <i>Anna Kariênina</i>.....	17
3. CAPÍTULO 2. A PERSONAGEM DE FICÇÃO: LIEV TOLSTÓI E LIÉVIN	
3.1 O que falam os leitores sobre Liévin em <i>Anna Kariênina</i>?.....	23
3.2 A personagem de ficção.....	25
3.3 Liev Tolstói e Liévin.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da personagem Liévin na obra *Anna Kariênina* (1877), do autor russo Liev Tolstói, a partir dos pressupostos teóricos da literatura e da história da vida de Tolstói. Ao ler o cânone fui surpreendida pelo crescimento da personagem Liévin, tema deste projeto e por isso a relevância em examinar e compreender o seu desenvolvimento na trama. Há uma grande produção acadêmica em relação à obra *Anna Kariênina*, porém não encontrei, até o momento da realização desta pesquisa, análises exclusivamente sobre a relevância da personagem Liévin.

No primeiro capítulo, analisarei o autor, a obra e os fatos históricos em diálogo, por exemplo, a libertação dos Servos Russos, os mujiques.

No segundo capítulo, estudarei as personagens, em especial, Liévin, analisando a proposta realizada pela biógrafa Rosamund Bartlett, da personagem ser o alter ego de Tolstói.

Busco, através deste caminho, entender a importância da construção desta personagem tão forte e suas reflexões e escolhas em contraponto à personagem-título.

Desta forma, Candido auxilia quando enfatiza a importância da personagem para o romance:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (CANDIDO *et al.* 1964. p.51)
(Atualizei a grafia das citações, pelas normas legais vigentes)

Ao final, procuro concluir que personagens, enredo e contexto são partes intrínsecas da obra literária. Desta forma, analisar Liévin é analisar uma perspectiva da obra *Anna Kariênina*. Portanto, justifica-se ainda este trabalho, pois trago luz a uma abordagem ainda não encontrada, podendo reverberar um novo olhar teórico e analítico acerca do livro, que é um cânone consolidado.

Para Bloom, cânone é:

Um poema, um romance ou peça adquire todas as perturbações humanas,

incluindo o medo da mortalidade, que na arte da literatura se transforma na busca de ser canônico, de entrar na memória comunal ou da sociedade. (BLOOM, 1955, p.26.).

Esta tentativa de imortalidade, citada por Bloom, é o que consideramos cânone, aquilo que atravessa o tempo de sua criação e que está sempre sendo atual em suas construções. Nesse sentido, analisar Liévin é analisar o enredo, novamente ressaltando, em uma perspectiva inovadora. Segundo Italo Calvino (1993, p.11), “a leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos”. E ainda que, “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”.

Então, partindo do objetivo principal, utilizados os pressupostos teóricos para examinar Liévin e sua importância na obra, relacionarei a personagem Liévin com a biografia do autor, estudando o paralelismo da narrativa, que traz duas abordagens sobre família: a da Liévin e a de Anna, analisando os fatos históricos em diálogo.

Estabelecido o tema da pesquisa e apresentados os objetivos, foi definida a metodologia que viabilizasse o entendimento do estudo, serão analisados os textos de Forster, Antonio Candido, a biografia do autor, a obra em questão, em edição apresentada por Rubens Figueiredo e com tradução direta do russo, entre outros e também, realizadas algumas pesquisas sobre o que falam os leitores de *Anna Kariênina*.

O trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro apresentando, sucintamente, o autor, a obra e os fatos históricos em diálogo e no segundo, Liévin: protagonista com projeto de vida oposto ao de Anna Kariênina e *alter ego* de Tolstói.

“É impossível viver sem saber o que sou e para que estou aqui.” Dispus a frase de Liev Tolstói, a mesma que Fernando Idalgo Menezes utilizou na epígrafe do seu trabalho de conclusão de curso em 2015, pois ao ler a sua pesquisa riquíssima, reconheci na epígrafe, os questionamentos da personagem Liévin, bem como a busca espiritual do nobre autor, Liev Tolstói. Imensamente feliz, agradeço a gentileza da oportunidade de ler lido uma obra que enriquece os estudos acerca do romance *Anna Kariênina* e os fatos históricos, tão bem elencados e contextualizados com a contemporaneidade, por Menezes.

2. CAPÍTULO 1: AUTOR, OBRA E FATOS HISTÓRICOS EM DIÁLOGO

2.1 Liev Tolstói: aristocrata, educador

Liev Nikoláievich Tolstói nasceu em 28 de agosto de 1828, em Iásnaia Poliana, província russa de Tula. Filho de família aristocrata, ficou órfão ainda muito jovem, sendo criado por familiares e tutores. Era o mais jovem dos cinco filhos, quatro meninos e uma menina. Os jovens Tolstói herdaram diversas propriedades. “Na Rússia, as filhas tinham direito de herdar a oitava parte das propriedades do seus pais falecidos e uma 14ª parte do restante do conjunto de bens. Mas os irmãos Tolstói tinham deliberado dividir igualmente o espólio com a irmã.” (BARTLETT, 2013, p.115).

Em 1847, ingressa na faculdade, mas não se adaptou, isto porque Tolstói queria decidir sobre a sua própria educação, “ter o controle sobre o seu próprio currículo da educacional”, pois já tinha o hábito da leitura, sem que isto lhe fosse imposto, e retorna à propriedade em Iásnaia Poliana, para tomar posse da sua herança.

Pelo hábito da jogatina, acabou endividado e resolveu alistar-se ao exército. Em 1852, publica *Infância*.

Em 1856, servindo na guerra da Crimeia, e após ser enviado a Sebástopol, horrorizado com as milhares de mortes, pediu desligamento e prometeu que não serviria novamente a governo algum.

Tolstói passa a infância muito próximo de sua tia Toinette, com quem troca muitas cartas durante a vida. Além do hábito de trocar cartas, Tolstói escreve ao longo da vida, o seu diário, chegando a 14 volumes.

Tolstói sempre teve preocupação com a educação e com a questão dos servos russos, antes mesmo da Libertação dos Servos, que se deu em 1861, Tolstói já havia se reunido com os mujiques para apresentar-lhes a sua ideia de libertação, mas tendo constatado que os servos desconfiados não receberam como benéfica a sua intenção, resolveu então ensinar-lhes a ler e escrever e em 1859 abre uma escola para os filhos dos camponeses.

Na década de 1850 menos de 6% da população rural era alfabetizada. Nas regiões rurais não existiam escolas públicas, nem mesmo no nível primário fundamental, e a pouca instrução que havia — oferecida por algum padre de vilarejo, ou um soldado reformado (aprender a ler e escrever estava entre os poucos benefícios do serviço militar) — era primitiva e paga. Os professores ensinavam de maneira mecânica e pouco imaginativa, sem incentivar o pensamento, e aplicavam punições corporais. (BARTLETT, 2013, p. 184)

Na escola de Tolstói não havia castigos físicos, poderiam estudar todos aqueles que assim desejassem, meninos, meninas e até mesmo adultos. Os alunos não precisavam pagar nada e podiam frequentar as aulas quando bem quisessem, pois para Tolstói, a sua principal missão como educador, era de introduzir a liberdade na experiência de aprendizagem. Embora muito desconfiados da iniciativa de Tolstói, em janeiro de 1860, a escola já contava com 50 alunos matriculados.

Em 1862, casa-se com Sonia Bers, filha de um médico. Apaixonado, Tolstói custa a se aproximar, mas logo a pede em casamento e casam-se. Moram na propriedade rural de Tolstói, e apesar de Sonia não ter sido criada em ambiente luxuoso, ficara impressionada com a simplicidade dos aposentos da propriedade, então, Sonia faz mudanças na casa, arrumando detalhes, como a roupa íntima do marido e até mesmo organizando um cardápio semanal.

Em 1863, Tolstói escreve *Guerra e Paz*, obra considerada monumental.

Tolstói e Sonia eram parceiros no amor e na vida. Sonia além de cuidar da casa e dos filhos, cuidava ainda das obras, as quais passava a limpo até se tornarem legíveis. Por exemplo, *Anna Kariênina*, obra que Tolstói começou a escrever em 1873, publicada em 1877, Sonia passou a limpo sete vezes. O casal teve 13 filhos, dos quais 8 chegaram à vida adulta. Com a morte dos filhos, Sonia sofreu muito, o que colaborou também para crises no relacionamento.

Em abril de 1891, Tolstói, então com 09 filhos, reuniu a família para a distribuição igualitária das propriedades. E abriu mão dos direitos autorais, privando a família de dinheiro, condenando Sonia a ter muito mais trabalho, cuidando sozinha da casa e da educação dos filhos. (BARTLETT, 2013, p. 377)

Sonia tinha devotado sua vida a Tolstói, aos textos do marido e a criação dos filhos, por isso, sentia-se desvalorizada.

O brilhante autor não renegava a existência de Deus, no entanto, chamava a igreja de corrupta, tendo renegado a fé ortodoxa em 1879. Mais tarde, em 1891, foi excomungado pela igreja Ortodoxa. Tolstói escrevia e compartilhava sobre o que acreditava ser a verdade, assim, embora não planejasse e sequer desejasse, nasceu o chamado Tolsteísmo¹, que ganhou adeptos muito rapidamente, sendo considerado pelos líderes políticos, perigoso, já que atraía tanto a classe culta quanto o campesinato. Tolstói ganhou muitos seguidores, dentre eles, o jovem e influente Tcherkov, este mantinha ligação direta com o Tsar. Sonia sentia muito ciúmes de Tcherkov, pois era o predileto dentro os discípulos de Tolstói e se sentia preterida, pois Tolstói

¹ Movimento criado a partir dos ideais sociais e religiosos do autor Liev Tolstói, baseados na bondade, amor e à não violência. As ideias foram consideradas, pelo Congresso, como “seita plenamente constituída” e “particularmente perigosa para a Igreja e o Estado”. BARTLETT, 2013, p.476.

passou a Tcherkov o direito aos manuscritos de suas obras.

Quando o famoso autor foi oficialmente excomungado, recebeu uma mensagem dos trabalhadores de uma fábrica de vidro, em que lhe prestavam apoio e homenagem, dizendo ser ele “um homem à frente de seu tempo”, que não importaria que ele fosse excomungado, pois “O povo russo sempre sentirá orgulho de ti e sempre te terá como um dos seus, uma figura imensamente amada.” (BARTLETT, 2013, p.481)

2.2. “Não se pode ser bom pela metade”

Em 1890, devido à colheita “malograda” a fome se propaga pela Rússia e Tolstói de maneira generosa, tomou a iniciativa de ajudar as vítimas da fome, “Tolstói assumiu uma inatacável posição de liderança moral da nação, uma unanimidade absoluta, a ponto de garantir que suas posturas religiosas fossem perdoadas, pelo menos por parte do povo. No final da década de 1880 as ideias de Tolstói começaram a arregimentar um número cada vez maior de seguidores, mas também havia críticos e detratores. (BARTLETT, 2013, p. 417)

Não somente o autor, mas toda a família Tolstói ajudava no combate à fome na Rússia, inclusive Sonia escreveu diversas cartas com pedidos de ajuda, recebeu muitos favores e assim, além de alimentos ajudava com roupas de cama, especialmente àqueles que sofriam de febre tifoide. (BARTLETT, 2013, p.418/419)

Segundo Bartlett, na página 419: “O Conde tinha inflexível convicção de que o dinheiro não era solução para resolver um problema de raízes tão profundas: acima de tudo eram necessárias ações práticas.” Tolstói desenvolveu durante meses a rotina de levantar muito cedo e organizar as cozinhas comunitárias, ele pessoalmente supervisionava o trabalho dos voluntários, comprava provisões, inclusive tendo doado 600 rublos para as sopas que eram distribuídas, assistindo 4000 camponeses.

Devido ao trabalho incessante de Tolstói e sua família, no outono de 1892, graças as doações de mais de 20.000 rublos e o envio de dois navios dos Estados Unidos com uma carga de farinha, grãos e batata, o serviço comunitário seguiu até julho, em quatro distritos, e então Tolstói conseguiu regressar a Iásnaia Poliana. “Mais tarde ele declarou que essa tinha sido uma das épocas mais felizes da sua vida, juntamente com o período em que dera aulas nas escolas de Iásnaia Poliana e elaborar as duas cartilhas e livros de leitura.”

2.3. Morte e legado

Durante as últimas décadas de vida, Tolstói recebeu milhares de visitantes e ficou conhecido como o “Ancião de Iásnaia Poliana”, pois era conhecido por quase nunca se recusar a receber quem quer que fosse. Além disso, segundo Bartlett, ao longo da sua vida, Tolstói recebeu mais de 50.000 cartas, das quais 9.000 vieram do exterior.

Tolstói alimentava o desejo de terminar a vida como andarilho, ir embora a pé, levando somente algumas roupas, então, em 1910, após descobrir que Sonia vasculhara o seu estúdio, Tolstói, saiu de casa, aos 82 anos, no dia 28 de outubro, acompanhado pelo médico da família. Ao saber da fuga do marido, Sonia tentou se afogar no lago. Devido ao agravamento de sua saúde, já frágil, Tolstói, foi obrigado a descer do trem, na estação de Astápoovo, acompanhado do médico e da filha mais nova, Sacha. Tolstói, moribundo recebe ainda a visita do seu discípulo Tcherkov, por quem nutria grande apreço. Sônia, recebeu a permissão de ver o marido, depois que Tolstói perdeu a consciência.

Tolstói foi enterrado sem receber a extrema unção, foi levado a Iásnaia Poliana e o povo russo, fez procissões até a propriedade do genial escritor, a fim de se despedir e prestar a última homenagem. Tolstói foi sepultado exatamente no lugar onde desejava, próximo à casa, na floresta, onde estava enterrado o “graveto verde” no qual seu irmão Nikolai lhe dissera que o segredo da felicidade humana estava escrito. (BARTLETT, 2013 p.506)

A morte do genial escritor serviu como estopim: o povo pressionava o governo, que não sabia como se manifestar diante dos protestos, tampouco como homenagear àquele a quem outrora demonizara. No dia do funeral de Tolstói, houve greve em Moscou, manifestações estudantis, marchas, procissões e barulhentas mobilizações exigindo a abolição da pena de morte.

A população russa tinha tomado iniciativa e agora estava começando escrever o roteiro: era um momento decisivo. Escolas e universidades interromperam as aulas; fábricas, escritórios e teatro fecharam as portas, enquanto russos de todas as classes sociais se uniam para prantear e declarar publicamente o seu luto por um grande escritor e poderoso herói que havia tido a coragem e ousadia de falar em nome de uma nação por tanto tempo amordaçada e tolhida.” (idem, p.508)

Tolstói foi revolucionário, deixou muitos ensinamentos, através de suas obras:

Infância, seguida de *Adolescência e Juventude*; *Guerra e Paz*; *Anna Kariênina*; *A morte de Ivan Ilicht*; *Sonata a Kreutzer*; *Ressurreição*, entre outras.

Para finalizar, ressalto a simplicidade do nobre escritor, considerado um dos “filhos” mais reconhecido da Rússia, que se vestia de maneira muito humilde, muitas vezes, andava descalço, mas que possuía atitudes nobres, descritas pelos que o conheceram, que, por isso, percebiam nele a origem aristocrática.

Quando li a biografia de Tolstói, reconheci Liévin, e que as semelhanças e diferenças relacionando a vida do autor e a personagem da obra expandem as possibilidades de leitura e entendimento do romance, conforme explica Candido:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo [no texto], conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 1980, p. 13-4)

Portanto, escolhi trabalhar com a vida do autor, relacionada à personagem Liévin, eis que esta aproximação amplia os sentidos da obra. Por óbvio, o romance pode e deve ser lido independente do contexto de produção ou da vida do autor, porém esta relação nos permitiu construir outras possibilidades de leitura.

2.4 *Anna Kariênina*

Anna Kariênina, de Liev Tolstói, foi escrita entre os anos 1873-1877 e narra, de um lado, a história da protagonista, que intitula a obra, uma mulher deslumbrante, casada por conveniência, que sofre por se apaixonar, abandona o filho e o marido e é punida pela sociedade e do outro, nos apresenta Liévin, que tematiza este trabalho. É a narrativa de histórias de famílias opostas, mas que têm em comum a riqueza material. Enquanto Anna é casada com um homem mais velho, Conde Aleksiei Aleksándrovitch Kariênin, muito rico, que trabalha em um alto cargo no governo Russo; Liévin é, também rico, um proprietário de terras, vive no campo,

valoriza a terra e os seus trabalhadores.

O romance *Anna Kariênina* foi escrito na época em que as mulheres eram educadas para cuidarem da casa e dos filhos. Dária, irmã de Kitty casada com Oblónski, um *bon vivant*, é traída e quando Anna surge na trama é para ajudar a salvar o casamento do irmão e Dária. Conhecemos Anna, uma mulher abnegada, que deixara o marido e o filho, para socorrer ao irmão. Na chegada a Moscou, na estação de trem, Anna conhece o militar Vrónski, nobre, muito rico e bonito, Anna ficara impressionada com o gesto de ajuda de Vrónski para com a família de um funcionário que morreu na linha do trem. Nesse momento, Vrónski convive com a encantadora e jovem princesa Kitty Cherbátskaia, fazendo-lhe a corte. Ela é irmã de Dária, uma jovem acostumada aos olhares de admiração, a vestidos deslumbrantes e aos bailes. Kitty espera o pedido de casamento de Vrónski. Antes do baile em que a jovem princesa espera que Vrónski faça o pedido de casamento, Kitty recebe o pedido do honesto Liévin, porém o rejeita. No entanto, durante o referido baile, Anna que não estava preparada para o evento, surge em um vestido simples, mas encantadoramente linda, recebe todos os olhares e Kitty vê Anna e o militar dançarem sempre, e percebe algo em Vrónski e Anna, no momento em que se apaixonam.

Anna, morando com parentes no interior, casou-se por conveniência com um homem mais velho, alto funcionário do governo russo, e tenta se desviar das investidas de Vrónski, mas Anna não conhece o amor, pois o seu marido apesar de ser uma boa pessoa, pouco tempo passa ao lado de Anna e do filho.

Já Kitty, que rejeitara o pedido de Liévin, um rico proprietário de terras, adoece, tendo de viajar a São Petersburgo, a fim de melhorar a saúde, enquanto Liévin, desolado, retorna à sua propriedade rural. Liévin é apresentado como honesto e trabalhador, foge da vida urbana, apesar de ter estudo e muito dinheiro, prefere a convivência com o trabalho rural, com os mujiques, enquanto tenta encontrar um sentido para a vida.

O romance tem os paralelos: o ambiente de Anna e o ambiente de Liévin, estes se cruzam duas vezes, porém Anna e Liévin se encontram de fato, apenas uma vez. Foi o fato de Vrónski ter se apaixonado por Anna e deixado de cortejar Kitty, que dá o início ao desenrolar da trama. Vrónski e Anna vivem um amor arrebatador às escondidas. Kitty está em tratamento em São Petersburgo e Liévin, em sua propriedade, questionando o porquê a ferrovia não é utilizada para melhorar a produção agrícola na Rússia, bem como estuda uma maneira de melhorar a vida dos mujiques, trabalhadores em sua propriedade.

Ressalto que Liévin acredita que tendo um motivo a mais, além da sobrevivência, os mujiques trabalharão melhor e por isso, propõe aos mujiques que trabalhem na terra, produzam,

sejam os donos da terra e apenas paguem uma porcentagem à Liévin. Os mujiques desconfiados não aceitam muito bem, pois já estão acostumados com o sistema antigo, não veem com bons olhos o patrão trabalhando junto deles. Inclusive quando Liévin, a fim de esquecer Kitty e as questões existenciais que o atormentam, vai para junto dos mujiques, trabalhar na terra é recebido com desconfiança e certa hostilidade, mas como ele insiste, até se torna amigo de seus trabalhadores.

Anna, grávida de Vrónski, confronta Kariênin, este lhe nega o divórcio e por várias páginas, o leitor se pergunta qual será o destino de Anna.

Quando Anna dá à luz, fica muito doente e pede perdão à Kariênin e a Vrónski. Envergonhada, ela chega a rejeitar Vrónski que acaba tentando o suicídio. Ao se entenderem novamente vão morar na Europa, onde passam muitos anos, mas retornam a Moscou, pois Anna tem saudades do filho primogênito.

Em contraponto, Liévin pede Kitty em casamento, de uma forma inusitada, juntando as letras de um jogo, Kitty aceita e o casamento ocorre em pouco tempo.

Liévin e Kitty chegam à propriedade rural de Liévin, vida nova para ambos. O produtor rural que havia idealizado o casamento com a bela jovem, se surpreende com a realidade. É importante lembrar que Liévin foi sempre um investigador dos seus próprios sentimentos, se encontra automaticamente analisando o comportamento de Kitty. Ao mesmo tempo em que a critica por ser infantil, a justifica pensando que fora criada para ser uma excelente dona de casa e que só lhe resta ter atitudes como preocupar-se em trocar as cortinas da sala. Liévin que pensava que o casamento supriria o vazio existencial que sente, é surpreendido com longos pensamentos, reflexões e até mesmo pensamentos suicidas.

Enquanto isso, Anna sofre com o isolamento social a que é obrigada: não pode mais frequentar os salões, os teatros, sequer as confeitarias, sofre a rejeição, no entanto Vrónski continua a frequentar normalmente a sociedade.

A obra ora apresenta a vida de Liévin e Kitty, ora nos conta como está a vida de Anna e Vrónski. Anna está cada vez mais triste, há brigas entre o casal, Anna passa a consumir remédios e a exprimir cada vez mais o seu ciúme.

Já Kitty surpreende Liévin quando exige que a leve para visitar o cunhado que está à beira da morte. Liévin não consegue enfrentar a situação de ver o irmão Nikolai muito doente e então Kitty se revela forte e sábia ao cuidar do cunhado, vale ressaltar que Kitty conheceu Nikolai em São Petersburgo, quando estava fazendo um tratamento de saúde, que na verdade, se dera pela decepção amorosa que tivera com Vrónski. Kitty ao cuidar de Nikolai que está moribundo, literalmente, cresce aos olhos do apaixonado Liévin.

Anna sofre, toma medicamentos para dormir e alimenta pensamentos de ciúme cada vez mais recorrentes. Vrónski até mesmo questiona por que ela não se ocupa dos cuidados com a pequena filha deles. Anna sofre ao vê-lo sair sem poder ir junto.

Kitty engravida, está feliz, afinal fora educada para cuidar do lar e dos filhos. No entanto, Kitty sofre demais durante o parto e Liévin teme perder a esposa. Temos aqui um momento importante para o jovem marido que não se sente imediatamente apaixonado pelo pequeno garotinho. Ele imaginava que ao ver o filho sentiria uma espécie de epifania e o amaria. Liévin passa muito tempo questionando o sentido da vida, o motivo de ter de amar um pequeno ser, escuta as cobranças da esposa e não sabe como agir.

Tolstói narra como são estabelecidas as relações familiares em um romance complexo, afinal, Anna é casada, rica, bela, encantadora e inteligente. Apaixonada e grávida do amante, ela abandona o filho para viver o seu amor por Vrónski. Já Liévin é uma personagem que procura se mover dentro da tradição da nobreza rural russa. Porém, ele não se enquadra, não se sente bem dentro desta tradição de exploração dos camponeses. Seu diferencial significativo é que ele é muito trabalhador, honesto e humilde. Sua humildade se realiza, em especial, em como ele ouve e procura entender os camponeses que trabalham em sua propriedade.

São dois núcleos paralelos, o de Anna Kariênina e o de Konstatin Liévin e o amor e a denúncia sobre a decadência da ideia de família como núcleo que sustenta o progresso do Estado são a tensão do romance. O núcleo familiar não apresenta mais as características de estabilidade, que eram o seu pressuposto. Liévin tem um amor idealizado por Kitty, já Anna apaixonou-se perdidamente por Vrónski, cada um decepciona-se de maneira muito particular, enquanto Anna sofre muito com a ruptura que ocorre em sua vida, em especial pela sua exclusão da sociedade, que não aceita que ela viva com Vrónski sem ter conseguido formalizar seu divórcio de Karienin, Liévin não consegue se inserir na vida urbana da Rússia em transformação, não entende os rituais exigidos pela aristocracia e é inseguro.

A obra tem desfecho surpreendente, Anna que é uma mulher ativa e forte, ao ser desprezada pela sociedade que a condena ao isolamento, passa a ingerir medicamentos fortes e mergulha em uma solidão cruel, acreditando absolutamente em seus devaneios (por exemplo, que Vrónski não a ama), e se transforma em uma pessoa instável e emocionalmente insegura. Anna, que fora uma mulher brilhante, está entristecida, isolada e, em um momento desesperador, toma a decisão de se suicidar, e o faz, na estação se atira aos trilhos do trem. Com a morte de Anna, Vrónski é obrigado a entregar a própria filha a Kariênin, pois sendo Anna ainda esposa de Kariênin, a pequena Anne fica com o pai de registro. Vrónski toma a decisão de ir à guerra contra a Sérvia. Em outras palavras, vai em busca da morte, eis que a Rússia ainda

não havia efetivamente entrado em guerra contra o grande império turco, em defesa da Sérvia.

Paralelamente, Liévin experimenta a paz, quando após a reviravolta em seu íntimo, durante uma tempestade, sofre com o medo de perder o filho e a esposa, então, finalmente ele entende os seus pensamentos e se sente completo ao encontrar o amor pelo herdeiro.

Após concluir a leitura da obra, buscando o tema deste projeto, estudei a obra *Tolstói, a Biografia*, escrita por Rosamund Bartlett. São várias as passagens reveladas na obra que coincidem com o enredo e o desenvolvimento da personagem Liévin, fatos que tornam a obra ainda mais intrigante, por isso, exemplificarei com alguns trechos. Sobre os dias que antecederam o casamento de Liev Tolstói:

[...] mas Tolstói, movido pela ideia de que não deveria haver entre os dois nenhum segredo quanto ao passado, fez questão de levar a Sônia todos os seus diários para que ela os lesse. Moça inocente e inexperiente, que quase nada conhecia da vida, Sônia ficou profundamente chocada e estilhaçada com o que mais tarde definiu como “excesso de honestidade”. (BARLETT, 2013, p. 201)

E em *Anna Kariênina*:

[...] entregou a Kitty o seu diário, em que estava escrito aquilo que o atormentava. Escrevera o diário com o pensamento na futura noiva. [...] Sabia que entre ela e ele não podia e não devia haver segredos, por isso resolvera que era preciso; ... entrou no quarto de Kitty e viu choroso o rosto encantador e tristonho, infeliz por causa do desgosto irreparável causado por ele... (TOLSTÓI, 2017, p.413)

Em sua obra, Rosamund (2013, p.165-166) escreve que “Em *Anna Kariênina*, Tolstói traz Dmíttri de novo à vida como o irmão de Liévin, Nikolai, personagem que, como Dmíttri, mantém um relacionamento com uma ex-prostituta. E que “Tolstói chegou em 6 de janeiro e encontrou o irmão devastado pela tuberculose, sofrendo atrozmente, o rosto macilento dominado por olhos arregalados e fitos.” Tolstói, de certa forma, reconstrói aspectos da vida e da morte de seu irmão Dmíttri, ao construir a personagem Nikolai, irmão de Liévin.

No romance, Tolstói (2017, p. 494) descreve a cena que revela o horror de Liévin ao encontrar Nikolai: “Não é possível que este corpo medonho seja o meu irmão Nikolai”, pensou Liévin.” Liévin é uma personagem que, embora não seja o protagonista principal, é uma personagem que causa admiração, porque questiona insistentemente a sua existência: “ Assim ia vivendo, sem saber e sem vislumbrar uma possibilidade de saber o que ele era e para que vivia, neste mundo, e essa ignorância o atormentava a tal ponto que Liévin temia o suicídio...” (TOLSTÓI, 2017, p.792). Tal qual revela Rosamund: “Embora aparentemente tivesse se livrado dos pensamentos suicidas, os pensamentos mórbidos jamais abandonaram completamente Tólstoi.” (2013, p. 401)

O estudo da biografia do autor foi de suma importância, pois acarretou em um

entendimento maior, sobre o problema em torno deste trabalho, que tematiza a relevância da personagem Liévin.

3. CAPÍTULO 2: A PERSONAGEM DE FICÇÃO: LIEV TOLSTÓI E LIÉVIN

No segundo capítulo, foi realizada a pesquisa sobre o que falam os leitores sobre Liévin em *Anna Kariênina*, para maior entendimento sobre o tema do trabalho, foi estudada a personagem de ficção através dos pressupostos teóricos e encerrando o capítulo, analisamos as passagens de Liev Tolstói, na biografia escrita por Bartlett (2013) e a personagem Liévin, em *Anna Kariênina*.

3.1 O que falam os leitores sobre Liévin em *Anna Kariênina*?

Ao ler o título da obra, *Anna Kariênina*, pensamos que o romance fala unicamente em torno da protagonista, porém, o romance *Anna Kariênina* é tão grandioso, que nos surpreende, de fato, apresentando-nos Liévin, personagem que divide o protagonismo com Anna, mesmo que cheguem a se encontrar, de fato, no romance, apenas uma vez.

As peculiaridades da compleição moral do personagem de Tolstói passam despercebidas por quem procura neste clássico apenas mais uma história de adultério e punição. De fato, ao longo da obra, é fácil notar a intenção de Tolstói em construir a narrativa da traição da personagem-título entremeando-a com a história de Lievin, fidalgo que se decide fazendeiro para escapar às veleidades e extravagâncias da aristocracia urbana russa. Tolstói tece sua narrativa de tal maneira que Lievin parece muitas vezes ser mais importante às suas especulações filosóficas do que a personagem Ana Karenina. (SILVA, 2010, p. 203)

E então, seduzida por Liévin, me veio o questionamento se a personagem era ou não uma personagem de ficção. E assim, ainda justificando a pesquisa: “Naturalmente isso ocorre quando um clássico “funciona” como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. Se a centelha não se dá, nada feito: os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor. (CALVINO, 1993, p. 12 e 13).

Portanto, examinando meticulosamente, o texto de Antonio Candido “A personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos [...] Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor.” (CANDIDO *et al.* 1964. p 39-40).

Candido sobre a personagem esférica:

A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão a esférica. Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, — traz a vida dentro das páginas de um livro. (CANDIDO *et al.* 1964. p. 47)

Assim sendo, pode-se dizer que Liévin é uma personagem esférica. Para enriquecer esta pesquisa, trago algumas impressões de leitores sobre Liévin em *Anna Kariênina*.

No Blog *Trombone com vara*, o autor da resenha relata:

Anna é o personagem central mas não é o maior. Vronski é tão grande como ela. O que o livro nos dá é inestimável. A idéia central é: o amor romântico é valorizado demais. Erramos ao aceitar o pensamento de que tudo se desculpa pelo amor. Pode-se matar, e se pode morrer. Se for por amor foi por dela causa. Pois a esse amor, no fundo egoísta, Tolstoi opõe o amor de Lievin e Kitty. E em Lievin, Tolstoi cria o mais nobre personagem de toda a literatura (incluindo Quixote e Hamlet). Lievin ama Kitty com fidelidade e devoção, Kitty aprende a admirar Lievin e dessa admiração brota o amor.

As páginas da crise espiritual de Lievin e sua cura pela observação da natureza são a coisa mais maravilhosa que li em toda a vida. Ao ler aquilo você sente todo o sufoco e aturdimento de Lievin, mas, milagrosamente, a ressurreição dele é a sua. Quando ele sente finalmente a paz e enxerga o sentido de tudo, você, maravilhado, sente exatamente o mesmo. (ANTONIO, 2010.)

Em um outro blog, *Pausa para um café*, a autora da resenha sobre *Anna Kariênina*, Nayane Moura, diz que Liévin é um personagem tão forte quanto Anna, pois muitas das reflexões acerca da sociedade, e até mesmo as discussões filosóficas partem dele.

Ele é um personagem riquíssimo, tem um tom cômico nos seus diálogos que dão um ritmo diferente e mais leve a trama. Em alguns momentos ele é muito chatinho, mas indubitavelmente bem construído. Ele é uma espécie de Alter ego do Tolstói, suas opiniões e vivências remetem muito à realidade do autor. (MOURA, 2017.)

Continuando com as impressões dos leitores de *Anna Kariênina*, pois estas exemplificam o quanto a obra é significativa e auxiliam na pesquisa do projeto sobre a importância da personagem *Liévin*. Já na resenha, escrita por Gabi Müller, para o site *Medium*, temos a seguinte opinião:

Podemos dizer que as duas personagens principais são Anna Kariênina e Konstantin Liévin. Ainda que existam outros núcleos familiares, esses dois norteiam a maior parte dos conflitos e eles conectam as histórias, ainda que só se encontrem duas vezes durante o livro todo. Pra mim, também, ainda que se veja uma mudança e crescimento de praticamente todos os outros membros da história, são esses dois quem têm as reviravoltas mais impressionantes. Liévin, mesmo com ideias bastante avançadas por vezes sobre a posição da mulher na sociedade para a época, passa de um homem antiquado, um aristocrata confortável em seus privilégios, que não aceita qualquer tipo de crítica a sua forma de lidar com o trabalho e que tapa os ouvidos à razão — o primeiro

paralelo que vi, inclusive, com a sociedade atual foi quando seu irmão Nikolai, um claro defensor das ideias comunistas, dá uma aula de direitos iguais à qual Konstantin não tem o que retrucar, mas, ainda assim, somente balbucia e não dá o braço a torcer — para alguém que passa a trabalhar junto com seus homens, literalmente colocando as mãos na massa. Me peguei diversas vezes apaixonada por esse personagem logo depois de ter querido cortar relações tal qual com um irracional de Facebook durante as eleições. No final da história de Liévin, nos sentimos um pouco crenes na humanidade, como se todos, com o nível certo de estímulo, pudessem ser colocados no caminho certo e ter suas habilidades e poderes desenvolvidos pro bem comum. A verdade é que a gente sai bem querendo mudar o mundo. Anna, por outro lado, fala muito mais sobre os sentimentos individuais. Enquanto Konstantin se envolve e muito com a comunidade, Kariênina é sobre o eu. Acompanhamos a ascensão de uma mulher que era completamente admirada por todos por sua beleza e desenvoltura até a queda em seus próprios delírios. (MÜLLER, 2018).

3.2. A personagem de ficção

Ao ler as resenhas, voltei a examinar o texto de Antonio Candido, me deparei com a afirmação do autor:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 1964. p. 43-44)

Rosamund afirma, que Liévin é o alter ego de Tolstói e Rubens Figueiredo nos apresenta *Anna Kariênina*:

A exemplo de *Guerra e paz*, Tolstói fez das pessoas à sua volta – familiares, amigos e conhecidos – os modelos para os personagens. O casal Liévin e Kitty está calcado no próprio Tolstói e em sua esposa. O irmão de Liévin e sua morte, causada pela tuberculose, se inspiraram, de forma direta, no drama do irmão do próprio escritor. O personagem Kariênin tem por modelo o ministro das Finanças, na época. O modelo físico de Anna foi a filha do poeta Púchkin, que Tolstói tinha visto, certa vez, e cuja beleza o deixara assombrado. Além do tema da guerra da Sérvia, que seu romance recolheu com a presteza quase de um jornal, Tolstói disseminou ao longo de todo o livro discussões acerca dos problemas que o inquietavam na época. A administração agrícola, o regime da propriedade da terra, a relação com os trabalhadores, a decadência da nobreza, a educação das crianças, o casamento, a religião, o serviço militar compulsório, as teorias de Spencer, Lasalle, Darwin e Schopenhauer são temas discutidos pelos personagens, bem como postos à prova em situações concretas. Tolstói podia ter, sobre vários desses tópicos, posições contundentes. (FIGUEIREDO in TOLSTOI, 2017, p.7- 9)

Em torno do questionamento sobre a relevância de Liévin no romance de Tolstói e se a personagem representa o próprio autor, Junkes (p.16), nos fala sobre a distinção entre autor e

narrador, dizendo que a experiência seria para o autor, ponto de partida e de chegada da criação literária.

O autor, homem de carne e osso, historicamente situado, não pode prescindir totalmente, em sua criação, da própria experiência de vida, nem abolir suas ideias, emoções, instintos ou obsessões, permanecendo impassível. Mas pode desdobrar-se, inventar um narrador, mesmo que invisível, assumindo este, na técnica narrativa, a atitude de objetividade e impassibilidade. (JUNKES, 1997, p.146)

Aqui, faço uma ressalva, Rubens Figueiredo (2017, p. 9) ao nos apresentar a obra *Anna Kariênina*, relata que Tolstói se dedicava muito para que o leitor não percebesse a sua parcialidade, que por este motivo, o autor experimentava uma relação conflituosa, pois assegurava que a arte exigia que resistisse “ao seu ímpeto de expressar, de forma direta, suas convicções sociais, políticas e morais”. Tolstói: “Descobri que uma narrativa deixa uma impressão mais profunda quando não se percebe de que lado está o autor”. Para isso, utilizou o narrador heterodiegético, que tudo sabe sobre as personagens, mas não influencia o leitor, também não deixa transparecer a sua opinião pessoal.

Rebello (2003, p.15-21) relata que o autor se utiliza da inspiração, cria um mundo imaginário, mistura a realidade com a ficção, e segundo sente o mundo, transforma a sua verdade (p.20) e o oferece ao leitor: “O artista é o criador de coisas maravilhosas. Revelar a arte, esconder o artista é a meta da arte.” (WILDE, 1981, p.1)

Segundo Candido a criação literária repousa sobre o paradoxo de “Como pode uma ficção ser?” Tolstói, embora tendo Liévin como seu *alter ego*, não parece enfatizar esta relação, que só é descoberta pelos dados de sua biografia. Candido (1964, p. 40) relata sobre o problema da verossimilhança que no romance depende da possibilidade de um ser fictício transmitir a impressão da mais lídima verdade existencial e que para isso, verifica-se “que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.”

Rebello (2003, p.30-31) explica que o autor doa todas as características a sua criatura e que por isso as personagens tendem a crescer dentro do romance, pois ao criar deixa aflorar “as suas memórias”: “As personagens, capazes de revelar as “verdades” do autor, muitas vezes, surgem de lembranças, acontecimentos remotos, há muito vividos e talvez esquecidos.”

A autora diz ainda que: “As personagens dominam o texto, a vida do escritor e algumas sobrevivem ao autor. A criatura transpõe as margens da obra e se sobrepõe ao criador.”

(REBELLO, 2003, p.30). No entanto, Rebello questiona: “Como pode a personagem ser superior ao seu criador? Nenhum autor pode doar à sua criatura o que não possui. A personagem talvez seja o herói do seu criador. E através deste ser desmembrado de si, o autor se manifesta sem medo ou pudor.” (REBELLO, 2003, p.30) Ao questionar tais fatos, Rebello explica que muitas vezes as personagens não condizem com o ambiente em que estão inseridos ou o leitor não “concorda” com determinado desfecho, pois a personagem não parecia caminhar para o final apresentado. A questão levantada por Rebello, sobre a “disputa” entre autor e personagem, para descobrir quem domina quem, é pertinente, pois em Mauriac temos: “O grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, e isto confere a acentuada ambiguidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.” (MAURIAC *apud* CANDIDO 1998, p. 66)

Ao longo do texto, Rebello, na tentativa de responder à questão supracitada, exemplifica com Brait:

E um personagem é tudo o que, em você, eu amo porque não posso ser; tudo o que, de você, eu gostaria de ter, tudo o que, em você, eu odeio porque não posso ser, ou porque sou e você me faz ver. É você, enfim, apresentável. Sou eu, enfim, apresentável. Você e eu resgatados no modelo do que deveria ser.” (BRAIT *apud* REBELLO, 2003, p. 49)

Tendo afirmado que “o escritor não é um historiador”, Rebello (2003, p.18), traz Forster: “O historiador registra, enquanto o romancista deve criar.” (FORSTER, 1969, p.36)

Forster relata que as personagens não “ocorrem friamente: precisam ser criados num estado de excitação delirante; mesmo a sua natureza está condicionada pelo que ele adivinha sobre outras pessoas, e sobre si próprio, e depois é modificado pelos outros aspectos do seu trabalho.” (FORSTER, c 1969, p. 52)

A partir do objetivo de analisar a relevância da personagem Liévin, o que o torna importante no romance *Anna Kariênina*, buscou-se estudar a personagem de ficção.

Inicialmente, trazendo o autor Forster (1949), que faz uma comparação entre a personagem de ficção e a pessoa viva, o que chamou de *Homo Fictus* e *Homo Sapiens* diz que a primeira não se equipara à segunda, porque o leitor conhece profundamente a personagem de ficção, que embora viva segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, é numa proporção diferente, pois o romancista nos leva para dentro da personagem, “porque o seu criador e narrador são a mesma pessoa”, já o nosso próximo conhecemos do exterior. E ressalta que o romancista por ser o criador da realidade, “domina-a, delimita-a”, apresentando a obra de maneira mais “coesa e completa”: “mostra-a de modo coerente, (portanto mais satisfatório) do

que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas...” (p. 48). Portanto, segundo Forster, a personagem de ficção seria limitada e os leitores a conheceriam totalmente. Todavia, Forster reconhece que a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo, para tanto deve lembrar um ser vivo, manter certas relações com a realidade do mundo, transitando em um universo (de ação e de sensibilidade) que se possa equiparar ao que conhecemos na vida.

Então, se Forster afirma que a personagem de ficção é limitada, mas que também precisa ter a imagem de que é real, Candido levanta várias questões:

Poderia então a personagem ser transplantada da realidade, para que o autor atingisse este alvo? Por outras palavras, pode-se copiar no romance um ser vivo e, assim, aproveitar integralmente a sua realidade? [...] De que maneira, o autor manipula a realidade para construir a ficção? (p.48)

Forster ainda traz que a personagem nos parece real, quando “o romancista sabe tudo a seu respeito”, pois o torna inteiramente explicável, dando a impressão de realmente o conhecemos, “e isto lhe dá uma originalidade maior que a da vida, onde todo conhecimento do outro é, como vimos, fragmentário e relativo.” (1969, p. 49). Assim, Forster responde em parte, explicando, como vimos, que a personagem deve parecer real, no entanto admite que:

Se a personagem de um romance é, exatamente, como a rainha Vitória, (não parecida, mas exatamente igual), então ela é realmente a rainha Vitória, e o romance, ou todas as suas partes que se referem a esta personagem, se torna uma monografia. Ora, uma monografia é história, baseada em provas. Um romance é baseado em provas, mais ou menos x; a quantidade desconhecida é o temperamento do romancista, e ela modifica o efeito das provas, transformando-o, por vezes, inteiramente. (FORSTER, 1969, p.44 e 49)

E finalizando Forster relata que não se pode generalizar, visto que a personagem:

(...) é criado na mente de centenas de romancistas diferentes, que têm métodos contraditórios de gestação, de modo que não podemos fazer generalizações. Ainda assim, podemos dizer alguma coisa a seu respeito. Geralmente, ele nasce de repente, é capaz de morrer aos poucos, não precisa de muito alimento nem de sono, e se ocupa incansavelmente de relacionamentos. [...] Se tivéssemos jeito para a hipérbole, poderíamos exclamar neste momento: “Se Deus pudesse contar a estória do universo, o universo se tornaria fictício”. (FORSTER 1969, p.51)

Enquanto Forster propõe que narrador e autor são a mesma pessoa e que a personagem é totalmente definida e limitada pelo criador e, em consequência, totalmente conhecida pelos leitores, visto que “o romancista sabe tudo a seu respeito”, François Mauriac nos diz que: “Cada escritor possui suas “fixações da memória” que preponderam nos elementos transpostos da

vida.” (MAURIAC, *apud* CANDIDO, 1968, p. 50) Então, para Mauriac, a personagem é sempre criada a partir do que é familiar ao escritor, vinculada às “memórias”, já que: “O vínculo entre o autor e a sua personagem estabelece um limite à possibilidade de criar, à imaginação de cada romancista, que não é absoluta, nem absolutamente livre, mas depende dos limites do criador.” Candido (*idem*, p.51). Segundo Mauriac, “o romancista deve conhecer os seus limites e criar dentro deles”, mas se a memória do escritor é limitada, onde encontraríamos o espaço à imaginação? Mauriac revela que: “No que toca às personagens, todavia, reproduz apenas os elementos circunstanciais (maneira, profissão etc.); o essencial é sempre inventado.” Sendo assim, “o princípio que rege o aproveitamento do real é o da modificação”, seja por acréscimo, seja por subtração na caracterização, então ora a personagem é “copiada” e ora “inventada”. Para exemplificar, Mauriac criou uma classificação de personagens, levando em conta o grau de afastamento em relação ao ponto de partida na realidade:

1. Disfarce leve do romancista, como ocorre ao adolescente que quer exprimir-se. “Só quando começamos a nos desprender (enquanto escritores) da nossa própria alma, é que também o romancista se configurar em nós” (Ob. cit., p. 97). Tais personagens ocorrem nos romancistas memorialistas.
2. Cópia fiel de pessoas reais, que não constituem propriamente criações, mas reproduções. Ocorrem estas nos romancistas retratistas.
3. Inventadas, a partir de um trabalho de tipo especial sobre a realidade. (*idem*, p. 52)

Utilizando a teoria de Mauriac, Candido (1964, p. 54) apresenta uma reflexão no que tange à personagem, considerando que há mais de um tipo de personagem “inventada”:

Personagens transpostas com relativa fidelidade de modelos dados ao romancista por experiência direta, — seja interior, seja exterior. O caso da experiência interior é o da personagem projetada.

Personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, — por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha.

Personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo, ou ponto de partida.

Personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, mas que apenas é um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização, que explora ao máximo as suas virtualidades por meio da fantasia, quando não as inventa de maneira que os traços da personagem resultante não poderiam, logicamente, convir ao modelo. (*idem*, p. 55)

Personagens construídas em torno de um modelo real dominante, que serve de eixo, ao qual vêm juntar-se outros modelos secundários, tudo refeito e construído pela imaginação. (*idem*, p.54)

Candido (1964, p.52) relata que conforme as considerações supracitadas, a personagem inventada seria a mais eficaz, no entanto, não podemos esquecer que a invenção é ligada ao

romancista ou pela realidade individual deste ou do ambiente que o cerca, pois a realidade da personagem é criada, “transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras.” Segundo o autor é importante também que consideremos o que fala o “criador a respeito da sua própria criação”, já que a opinião do romancista sobre as suas personagens pode ser, às vezes, “ilusória”.

Ele pode pensar que copiou quando inventou; que exprimiu a si mesmo, quando se deformou; ou que se deformou, quando se confessou. Uma das grandes fontes para o estudo da gênese das personagens são as declarações do romancista; no entanto, é preciso considerá-las com precauções devidas a essas circunstâncias. (CANDIDO, 1964, p.52-53)

Encerrando em Mauriac, temos a admissão de que o romancista utiliza a memória para criar as personagens: “pois as personagens saem necessariamente de um universo inicial (as possibilidades do romancista, a sua natureza humana e artística), que não apenas as limita, mas dá certas características comuns a todas elas.”, mas também que “o essencial é inventado”, seria a união de memória, como cópia da realidade e a criação através da invenção? Mauriac ainda diz que o escritor deve conhecer os seus limites, pois: “há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da sua zona má, da sua zona boa) como realização de virtualidades, que não são projeção de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida.” (CANDIDO, 1964, p.51).

Estudados os textos de Forster e Mauriac, chegamos a Candido (1964), que em sua obra *A personagem de ficção*, nos proporciona grande aprendizado, acarretando no importante entendimento do tema deste trabalho.

Forster explica que o historiador registra enquanto o romancista deve criar, que “narrador e criador são a mesma pessoa”, que a “personagem não é uma pessoa real, mas que deve dar a impressão de que é um ser vivo”, Mauriac que as personagens são “registros” de pessoas reais, modificadas pelo escritor, que usa a memória para criar a partir do que já conhece, mas que também são, em parte, inventadas. Candido (p. 52/53) afirma que quando se fala em cópia do real, devemos considerar que se “uma personagem fosse igual a um ser vivo”, não haveria romance.

O romancista é incapaz de reproduzir a vida, seja na singularidade dos indivíduos, seja na coletividade dos grupos. Ele começa por isolar o indivíduo no grupo e, depois, a paixão no indivíduo. Na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso; a necessidade de selecionar afasta dela e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade. (Candido, 1964, p. 51)

Candido discorre sobre a pessoa e a personagem, afirmando que há uma diferença “profunda entre a realidade e as objectualidades puramente intencionais — imaginárias ou não, de um escrito, quadro, foto, apresentação teatral etc.”, por mais que a personagem ficcional se assemelhe a um ser vivo, nunca conseguirá se transformar nele, visto que o ser humano real possui uma infinidade de características:

A diferença — reside no fato de que as últimas nunca alcançam a determinação completa da primeira. As pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinados apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. Isso se refere naturalmente em particular a seres humanos, seres psicofísicos, seres espirituais, que se desenvolvem e atuam. A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada. (CANDIDO, 1964, P. 24)

Assim, segundo Candido, a personagem de um romance apesar de ser concebida como um ser “real, totalmente determinado”, é na verdade, criada como “uma configuração esquemática”, pois o romancista apresenta as suas características, tanto psíquicas quanto físicas, de maneira que possamos conhecer a personagem mais do que a nós mesmos.

Neste mundo fictício, diferente, as personagens obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm contorno definido, — ao contrário do caos da vida — pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes. (idem, p.51)

Embora com contorno definido, não quer dizer que o autor/leitor fique estagnado, ao contrário, Candido (1964, p.38) afirma que a grande obra de arte literária proporciona ao homem a liberdade de viver através das diversas personagens, que a ficção é um lugar privilegiado, onde é possível que nos transformemos (imaginariamente) em outro, nos distanciemos de nós mesmos, vivendo outros papéis livremente, o que a vida real não nos outorga.

Desta forma, é imprescindível compreender a diferença mais significativa entre o ser real e o ser fictício: as pessoas (e nós mesmos) sempre podem agir de forma imprevisível, inesperada e não conseguimos entender completamente alguém com quem convivemos, somente após a sua morte ou nem mesmo neste momento. Ao contrário, a personagem é criada pelo autor e, na maioria das vezes, podemos justificar seus atos, analisar suas atitudes. Ela, a personagem, está completa e acabada na obra e podemos assim ter uma referência de segurança com ela. Muitos dizem que gostariam de viver nos romances em razão da segurança que o

comportamento das personagens nos traz.

Compreendemos que o quê sabemos sobre o nosso próximo é frágil, não poucas vezes nos surpreendemos com as reações e situações que se colocam e nos colocam, entendemos também “...que há afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança.” (CANDIDO, 1964, p. 40)

Então, Candido (1964, p.40) realiza o questionamento crucial para entendermos a personagem de ficção e a verossimilhança:

De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Candido (1964, p.43) discorre que a visão fragmentária que temos dos nossos semelhantes nos é inata, “é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos.” Já no romance, ela nos é dada, através da caracterização realizada pelo autor, por meio dos gestos, frases, objetos significativos e etc. No entanto, embora delimitada pelo romancista, a personagem não perde o encanto e a “impressão de complexidade”, embora possamos saber tudo a respeito da personagem, o autor utilizando os recursos já citados tem a capacidade “de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza;” e, isso torna uma personagem profunda e instigante.

3. 3 Liévin e Liev Tolstói

Quando li o romance Anna Karenina, não conhecia a vida de Tolstói, mas nas primeiras páginas em que a personagem Liévin surge, me encantei, nas páginas seguintes aguardava ansiosamente o aparecimento de Liévin, mas foi apenas depois de conhecer a biografia do autor é que fui efetivamente seduzida.

Não foi apenas a coincidência da semelhança dos nomes da personagem e do autor: Liévin e Liev, não apenas a natureza questionadora, mas também, o fato do pedido e o atraso na cerimônia do casamento, a bondade e o trabalho junto dos mujiques, o nascimento do amor ao filho, o amor à mãe e as já mencionadas: entrega do diário e a morte do irmão.

Na biografia, escrita por Rosamund (p.319), “Tolstói começou a ler as obras teológicas do pensador eslavófilo Aleksei Khomiakov, exatamente como seu personagem Liévin no final

de Anna Kariênina.”

Na página 389: “Tolstói agora acordava cada vez mais cedo [...] e passava longos dias ceifando com os camponeses.” No romance, na página 166: “Depois de observar como caminhava, arrancando enormes torrões de terra que aderiam aos seus pés, Liévin desceu do cavalo, tomou de Vassíli o cesto de sementes e passou ele mesmo a semear.” Na página 794: “Liévin aproximou-se do cilindro, afastou Fiódor e passou ele mesmo a alimentar a máquina.”

A autora da biografia de Tolstói relata, na página 172, que “Tolstói convocou uma reunião com seus camponeses para apresentar a eles seu plano de libertação, mas para sua surpresa os servos ficaram desconfiados de seus motivos e não lhe deram uma resposta definitiva.” E reafirma, na passagem (p.180): “Reminiscências dessa experiência de negociação com os servos aparecem na terceira parte de *Anna Kariênina*, em que Tolstói descreve como a boa vontade de Liévin é refutada por seus camponeses.”

Um outro fato curioso é que Tolstói fez o pedido de casamento a Sonia de maneira muito semelhante ao pedido de Liévin a Kitty: “Foi aí que Tolstói começou a se comunicar com Sônia escrevendo apenas as primeiras letras das palavras com um pedaço de giz, expediente que mais tarde imortalizaria ao descrever Liévin fazendo a corte a Kitty em *Anna Kariênina*.” (p. 199)

Kitty continuava arriscar a mesa com giz. Seus olhos reluziam com brilho sereno. Sob o efeito do estado de ânimo de Kitty, Liévin sentiu em todo o seu ser uma tensão de felicidade que aumentava sem parar.

— Ah! Risquei toda a mesa! — Disse Kitty e, ponto de lado o giz, fez menção de levantar-se.

“ Como poderei ficar sozinho, sem ela?”, pensou Liévin, com pavor, e pegou o giz,

— Espere — disse, sentando-se à mesa. — Eu queria, há muito tempo, lhe perguntar uma coisa.

Fitou-a de frente, nos olhos meigos, embora assustados.

— Por favor, pergunte.

— Veja — disse Liévin e escreveu as letras iniciais: q, a, s, m, r, n, p, s, q, d, n, o, n, m? Essas letras significavam: “Quando a senhora me respondeu *não pode ser* queria dizer nunca ou naquele momento”.

[...]

— Pois bem, leia aqui. Direi o que eu gostaria. E gostaria muito! — Escreveu as letras iniciais: q, o, s, P, e, p, o, q, a. Significava: “que o senhor possa esquecer e perdoar o que aconteceu”. (TOLSTOI, 2017, p.413)

A fim de exemplificar o quanto se assemelham autor e personagem, retirei algumas passagens da biografia de Tolstói e do romance, que se equivalem:

A cerimônia de casamento foi marcada para oito horas da noite, mas atrasou pelo menos uma hora e meia. Na pressa de fazer as malas e empacotar tudo — em preparação para a jornada rumo a Iásnaia Poliana logo após o casamento —, o criado de Tolstói tinha se esquecido de separar uma camisa limpa para o noivo. Assim, se no apartamento dos Berhs esperava-se que o padrinho do noivo chegasse para anunciar que Tolstói estava aguardando no altar, quem

apareceu foi um constrangido Alexei Stepánovitch, a fim de revirar as malas empilhadas fazendo uma busca minuciosa a procura de uma camisa. (BARLETT, P. 201)

O arqui-diácono, como se tivesse lembrado como o seu tempo era precioso, tossia impacientemente, a ponto de fazer trepidar os vidros das janelas. No coro, ouviam-se os cantores enfadados ora ensaiando a voz, ora assoando o nariz. O sacerdote a todo momento mandava ora o cristão, ora o diácono informar-se sobre a chegada do noivo, e ele mesmo, de batina lilás e com uma faixa abordada na cintura, saía de modo cada vez mais frequente até a porta lateral, à espera do noivo [...]. Nessa altura, Kitty, já pronta havia muito tempo, de vestido branco, véu longo e uma coroa de flores de laranjeira, aguardava de pé, na sala da casa... [...]

Enquanto isso, de calça, mas sem colete nem fraque, Liévin caminhava para um lado para o outro no seu quarto de hotel, abria a porta a todo instante olhava para o corredor. [...]

Não ocorreu a Kuzmá a ideia de deixar separada uma camisa limpa e, ao receber a ordem de guardar tudo e levar para casa dos Cherbátski, de onde partiram os noivos nessa mesma noite, ele pôs tudo nas malas, exceto fraque. A camisa, vestida desde amanhã, estava amarrotada e era impossível usá-la com o colete aberto, da moda. (TOLSTOI, 2017, p. 453)

Bartlett nos conta que “Tolstói demorou a adquirir sentimentos paternais por Serguei. Ele se recusava a pegar o bebê no colo, e só começou a amá-lo quando filho já estava com quase dois anos de idade e muito adoecido. “Foi uma sensação completamente nova”, Tolstói escreveu em seu diário.” (p.212)

Em Anna Kariênina:

“Mas e o bebê? De onde tinha vindo, para quê, e quem era?... E Liévin nada conseguia entender, não conseguia habituar-se a tal ideia. O bebê pareceu-lhe algo supérfluo, excedente, a que por muito tempo não pôde habituar-se.” (p. 717)

Nas páginas 815 e 816, do romance, o diálogo entre Kitty e Liévin expressa o sentimento de Liévin pelo filho:

— Que bom, estou contente por você ter começado a gostar dele — desse Kitty ao marido, e depois, com o bebê junto ao peito, foi sentar-se tranquilamente no lugar de costume. — Fico muito contente. Isso já começava a me deixar amargurada. Você disse que não sente nada por ele.

— Não, será possível que eu disse que não sinto nada? Eu disse apenas que fiquei desapontado.

— Como pode ficar desapontado com ele?

— Não é que eu tenha me desapontado com ele, mas com o meu próprio sentimento; eu esperava mais. Esperava que irrompesse em mim, de surpresa, uma sensação nova e agradável. E de repente, em vez disso, a repugnância, a piedade... [...]

— E, sobretudo, o medo e a piedade eram muito maiores do que o contentamento. Hoje, depois do medo que sente na hora da tempestade, compreende como eu o amo.

Anteriormente citei Candido que afirmou que tanto as afinidades quanto as diferenças

criam o sentimento de verossimilhança, assim, ressaltando que como os diversos trechos transcritos das obras, demonstram as afinidades entre autor e personagem, fatos como as diferenças entre eles, também evidenciam a verossimilhança, dados como Tolstói gostar de jogos e Liévin, não, o fato de Tolstói estar distante quando seu irmão Dmítri falece. Segundo Rosamund Bartlett: Tolstói não esteve presente na morte de Dmítri e o desamparo de seu irmão o persegue. Podemos analisar que Tolstói acaba criando uma redenção para si mesmo no romance e, em especial, da morte de Nikolai, fazendo com que Liévin e Kitty, de forma altruísta e eficiente, amparem à personagem.

Na página 55, Bartlett abre o capítulo com a colocação expressa em *Anna Kariênina*, primeira parte, Capítulo 27: “Embora mal se lembrasse da mãe, e ele mantinha um verdadeiro culto sagrado da sua memória.”

Liévin mal se lembrava da mãe. Sua imagem era uma recordação sagrada para ele e a futura esposa haveria de ser, em sua imaginação, uma réplica daquele fascinante e divino ideal de mulher, que fora a mãe, aos seus olhos. (TOLSTOI, 2017, p. 104)

Na página 56, Bartlett afirma que:

Tolstói não se lembrava da mãe, que morreu antes dele completar dois anos, mas sua imagem idealizada foi uma presença constante ao longo de toda a vida do escritor, até os últimos anos. Tolstói admitiu abertamente a um de seus primeiros biógrafos que, literalmente, cultuava a mãe, e mesmo idoso pensava nela durante suas solitárias caminhadas matinais em Iásnaia Poliana. [...] Mesmo aos 80 anos, Tolstói era incapaz de falar da mãe sem chorar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, estudei a obra, encantada pela personagem Liévin. A fim de entender o magnetismo da personagem, busquei o que falavam os leitores sobre a obra e sobre Liévin, encontrando poucas informações exclusivamente sobre a personagem. Embora o romance *Anna Kariênina* seja mundialmente conhecido, geralmente o foco é na personagem-título, o que me levou à busca por maior conhecimento e entendimento acerca da personagem Liévin, assim estudei a biografia do autor, sendo surpreendida com as semelhanças e diferenças entre Liev Tolstói e Liévin. Seria então, um texto autobiográfico? Então, para responder ao questionamento, bastante pertinente, busquei textos que embasassem a pesquisa.

No primeiro capítulo estudei a obra, a biografia do autor, analisei semelhanças e diferenças entre a personagem do romance e a vida do autor, constatando que diversas passagens exemplificam tanto as semelhanças quanto as oposições.

No segundo capítulo, percorri blogs, a fim de constatar o que diziam os leitores do romance e mais minuciosamente o que diziam sobre a personagem Liévin, e verifiquei, como antes mencionado, que não foram encontradas muitas considerações exclusivamente sobre a personagem Liévin. Assim, estudei os textos teóricos sobre a personagem de ficção, e por fim, fiz uma comparação com os dados fornecidos na obra da biógrafa, bem como os dados que constam no romance.

Estudados os textos sobre a personagem de ficção de Candido, os textos de Mauriac e Foster, que nortearam e amplificaram o desenvolvimento do trabalho, proporcionaram um melhor entendimento da pesquisa, assim, concluo que foi possível relacionar a vida do autor com a obra, o que amparou a importância da personagem Liévin.

Ressalto que devido à riqueza da obra e da personagem Liévin, bem como à vida do autor, a pesquisa não esgotou o assunto, e expressei o meu intento de dar seguimento ao estudo com o foco no tema do presente trabalho.

Desta forma, minha conclusão é de que a obra não é autobiográfica, porém, como nos ensinou Antonio Candido, o autor se ampara em situações e pessoas conhecidas para formar uma amálgama no romance, no qual não se reconhece mais as pessoas inspiradoras, eis que camadas de ficção foram acrescentadas às pessoas reais conhecidas do autor ou em cima de fatos e sentimentos dele mesmo.

5 REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Rosamund. **Tolstói: a biografia**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Globo, 2013.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: Os Livros e a Escola do Tempo**. Tradução Marcos Santarria. Rio de Janeiro: Objetiva, 1955. PDF
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. PDF
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. – São Paulo: Companhia das Letras, 1993. PDF
- CANDIDO, Antonio, *et al.* **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1964. PDF
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1980 (1ª Ed. 1965). PDF
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Org. Oliver Stallybrass; tradução Sergio Alcides; prefácio Luiz Ruffato. – 4. ed. rev. – São Paulo: Globo, 2005. PDF
- JUNKES, Lauro. **Romancistas e a teoria do romance**. Anuário de Literatura, 1997, pp. 131-158, PDF.
- MENEZES, Fernando Idalgo. **ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DA OBRA ANNA KARIÊNINA E SEU DIÁLOGO COM A ATUALIDADE** – TCC – Orientadora: Dra. Miriam Denise Kelm – UNIPAMPA – 2015.
- REBELLO, Kátia. **Mistérios da criação literária**. Florianópolis, 2003. PDF
- TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Tradução revista e apresentação Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1981. PDF

FONTES DA INTERNET CONSULTADAS:

- ANTONIO, Paulo Manoel. **Anna Karenina – Tolstoi. Trombone com vara**. Rio de Janeiro, 25 de janeiro, 2010. Disponível em <http://trombonecomvara.blogspot.com/2010/01/anna-karenina-tolstoi.html> acesso em 20/11/2020.
- MOURA, Nayane. **Literatura: Anna Kariênina de Liev Tolstói. Pausa para um café**. 06 de outubro, 2017. Disponível em: [ANNA KARIÊNINA de Liev Tolstói – Pausa Para um Café \(pausaparaumcafe.com.br\)](http://pausaparaumcafe.com.br) Acesso em 20/11/2020.

MÜLLER, Gabi. **Resenha: Anna Kariênina**. 29 de dezembro, 2018. Disponível em [Resenha: Anna Kariênina. ESTE TEXTO CONTÉM SPOILERS! | by Gabi Müller | Medium](#) Acesso em 20/11/2020.

SILVA, Marcos. **Lievin e Wittgenstein: personagens de Tolstói**. Revista *Ítaca*. 2010. Disponível em [Lievin e Wittgenstein: personagens de Tolstói | Silva | Ítaca \(ufrj.br\)](#) Acesso em 20/11/2020